

## A INVENÇÃO DO BRASIL PELA PAIXÃO DO FUTEBOL

Luiz Carlos Ribeiro

Em algumas sociedades modernas, nação e futebol constituem-se em imaginários que se associam e se autenticam mutuamente, de tal maneira que parecem fundirem-se em identidade única. No Brasil, a produção intelectual e ideológica dessa representação foi muito forte ao longo dos século XX. Expressões como “Brasil, o país do futebol”, “a pátria em chuteiras” ou “o futebol explica o Brasil”, são algumas ideias-força que foram produzidas no sentido de dar unidade a algo que parecia caótico, pois predominava um sintoma de *ninguendade* (Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, 1995).

Ou seja, uma nação inconclusa, que precisava de elementos originais para forjar a sua identidade e que buscou na magia do futebol um sentido.

As modernizações impostas pela expansão econômica e cultural do capitalismo, ao final do século XIX, impuseram ao Brasil uma série de reordenamentos, como a monarquia pela república, a escravidão pelo trabalho livre dos imigrantes europeus. Enfim, uma nova ordem que exigiu das elites reinventar a nação.



D e s d e  
então, mas

.....  
**Luiz Carlos Ribeiro**

Professor adjunto IV na Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutor em História pela Université de Paris III (1991). Desenvolveu em 2007/2008 programa de pós-doutorado junto a EHESS-École des Haute Études en Sciences Sociales (Paris/França), sobre o tema “Futebol, Estado e sociedade globalizados (1985-2007)”.

acervo de imagens da UFPr - [http://www.poshistoria.ufpr.br/prof\\_luizcarlos.htm](http://www.poshistoria.ufpr.br/prof_luizcarlos.htm)

sobretudo a partir da brasilidade modernista dos anos 1920, verifica-se com recorrência projetos de (re)invenção do Brasil, como uma necessidade de superar o recalque de nação periférica e de civilização incompleta.

Desses ideólogos forjadores da identidade brasileira, o mais expoente talvez tenha sido Gilberto Freyre (1900-1987), que encontrou nas vitórias da seleção brasileira argumentos para reforçar a tese da democracia social entre negros e brancos. No prefácio que assina na obra de Mario Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, Freyre afirma:

*Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação.*

O teorema central das obras de Gilberto Freyre e Mario Filho tem dupla face, mas um mesmo objetivo: ao mesmo tempo em que descreve de forma estetizada a ascensão social do negro por meio do futebol, vê nesse ritmo a consolidação da identidade nacional. Pela sua beleza plástica o futebol do negro e do mestiço



Imagem: Anônimo, Time do Fluminense, no Rio de Janeiro. Década de 1910. Fotografia, Acervo Iconographia, © Acervo Iconographia

estiliza e sintetiza a imagem do Brasil, afirmam os autores. As vitórias da seleção nas Copas de 1958 e 1962 redimem o Brasil de seu recalque de *vira-lata*, estigma atribuído por Nelson Rodrigues para explicar a derrota na Copa de 1950. Agora, vitorioso o Brasil, afirma Rodrigues, ao contrário de *vira-lata*, “o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha”.

A partir de então o futebol tornou-se uma forma de teatralização das virtudes e dos vícios da sociedade brasileira, concentrando o que há de mais profundo na política, na cultura e na formação social.

As transformações ocorridas no final do século XX, com o novo e espetacular surto de mundialização do capital, alteraram de forma significativa a relação futebol, nação e ciência política, no Brasil.

Seja por convicção ideológica, fragilidade ou por pragmatismo, as elites brasileiras aderiram com facilidade aos atrativos oferecidos pelo capital internacional, em especial durante o governo de Fernando Henrique Cardoso

(1995-2002). Postura que não se alterou substantivamente no governo seguinte de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), apesar da preocupação com a distribuição de renda.

Logo, pensar a nação deixou de ser prioridade para as elites econômicas e políticas, pelo menos enquanto a exportação de *commodities* continuar garantindo taxas positivas no PIB brasileiro.

Concomitante, o esgotamento de tradicionais matrizes ideológicas – como o ideário socialista – e a hegemonia do pensamento liberal na condução da economia, esvaziaram das Ciências Políticas a crença na elaboração de grandes narrativas que explicassem o Brasil. E, por conta da democratização da sociedade – depois de vinte anos de ditadura – os estudos se voltam para temas mais específicos, como a luta pela terra, as questões étnicas ou de gênero.

É nesse percurso de autonomização das Ciências Sociais em relação à ideologia elitista de legitimação do Estado-Nação que o futebol se torna um tema serio de investigação acadêmica, desprendendo-se das místicas reduções de futebol e nação.

Contribuiu para isso, ainda, a internacionalização que transformou jogadores, clubes e o selecionado nacional em produtos de mercado, arrefecendo em muito os sentimentos de pertencimento. A globalização do futebol borrou a magia ufanista da “pátria em chuteiras”.

Mas é preciso reconhecer que, mesmo que o engajamento com o nacional tenha diminuído, as leituras sobre o futebol

permanecem contaminadas. No meio acadêmico ou na mídia especializada, a dificuldade de pensar o futebol fora da ideia de nação ainda é presente. A explicação para essa permanência por ser localizada na lógica do merchandising, que cultiva a fidelidade do consumidor ao produto. Ou então, pelo envolvimento emocional que o futebol exerce sobre o cientista político, diferentemente do que ocorre com temas mais “frios”, como oligarquias políticas, partidos ou sindicatos.

O fato é que o futebol é contido de um investimento emocional que faz dele um símbolo de pertencimento que não pode ser reduzido a explicações racionais. O futebol desagrega as fronteiras da razão e nos remete para o campo das paixões. Se o nacionalismo só se justifica se reconhecermos que existe nele um lado que “pertence ao reino das emoções e da irracionalidade” (Montserrat Guibernau, *O estado nacional e o nacionalismo no século XX*, 1997), temos de concordar que, no Brasil, o futebol é um desses reinos que lhe dá suporte.

Publicado originalmente no Portal FUNDACIÓN  
MAPFRE HISTORIA em maio de 2014